

COMENTÁRIO DA PROVA DE REDAÇÃO

Com a permissão da paródia, “o que quer, o que pode esta prova?”

Pretende, certamente, ser “diferente”, “inovadora”, “arrojada”... Não é o caso. Consegue, indubitavelmente, deixar inseguro o aluno justamente na hora em que ele mais precisa de confiança e resposta precisas. Lamentável.

“Qual o nível do debate?”, “Transhumanismo”, “Dissonância cognitiva” – já há alguns anos a prova de redação da FEPPAR parece preparada a um tipo de aluno que precisa de alguma espécie de iniciação, quem sabe fazendo algum curso especial para poder enfrentar bisonhas tentativas de inovações e incrementos, em códigos quase cifrados, acessíveis a alguns poucos iniciados em pseudocientificismos de internet e páginas de revistas semanais.

Já que se pretende o discurso “científico”, bom que se leve em conta uma regra básica na ciência: à elegância na formulação das ideias corresponde sempre a simplicidade. Não é o que se vê no exame de redação da FEPPAR.

Isso, aliás, chama à atenção diante da sobriedade da prova como um todo, em que não se observam rocambolismos frasais ou torneios enviesados de pensamento, a despeito do formato *verdadeiro-falso*. Mas na redação as coisas são diferentes.

Todo ano, como que alimentando a já existente lenda urbana de que a redação da FEPPAR é “*muito difícil*”, os candidatos saem atônitos da prova, sem saber exatamente **o que** enfrentaram, **como** se portaram diante dos “temas”. Não seria exatamente o caso de um exame *difícil*, mas *canhestro*. O que dizer de uma prova que não permite ao aluno uma noção de seu desempenho?

Melhor nem comentar as peripécias ideologizantes advindas dos enunciados das propostas ou das intenções de quem elabora tais temas. Infelizmente, no momento em que o candidato a uma instituição séria como a FEPPAR precisa dar respostas claras ao que se pede, porque define naquele texto uma boa parte de sua nota dentro do exame, isso não é possível, dado o rococó semântico que tem caracterizado essa prova. Infelizmente, tem acontecido um fato que é de se lamentar entre aqueles que trabalham – professores e alunos – junto a um exame vestibular: a prova de redação da FEPPAR está virando folclore no meio. Pobres dos candidatos, que se esforçam ao longo de um ano, estudam seriamente e têm de se deparar com a “*dissonância cognitiva*” em um belo domingo de novembro. Repetimos: ser profundo e elegante não significa optar pela linguagem autoritariamente sinuosa. *Simplicidade*, e não simplismo travestido de erudição.

Quanto à “*dissonância*”, do tema? No fundo, nem era tão profundo. Quem sabe o examinador estivesse brincando com todos nós – candidatos, professores, comunidade acadêmica -, propondo ali um exercício de metalinguagem do próprio exame de redação, numa espécie de *mea culpa*, não...?

Equipe de Redação do Curso Positivo

DISSONÂNCIA E CONSONÂNCIA

1 “Dissonância e consonância são relações entre cognições – entre opiniões, crenças, conhecimentos sobre o ambiente e as próprias ações e sentimentos. Dois itens de conhecimento são dissonantes quando não se encaixam entre si, ou quando um não decorre do outro.” (LEON FESTINGER)

[...] a dissonância é a velha moral dupla, que nos permite tomar uma atitude enquanto pregamos outra, ou criar justificativas absurdas para as faltas mais evidentes.

Em geral nos consideramos competentes, éticos, espertos. Mas como somos humanos – e por isso passíveis de erro – temos o impulso de evitar a responsabilidade por qualquer ação que se revele prejudicial, imoral ou estúpida, preservando assim nossa imagem diante do espelho. [...] A culpa nunca é nossa; é sempre das circunstâncias.

Algumas pessoas inventam tantas histórias para justificar seus atos que passam a viver realidades paralelas, versões completamente distorcidas e danosas, mas que satisfazem seu ego porque justificam uma ignorância e uma mediocridade jamais assumidas. Alguns desses indivíduos chegam a ser patológicos em sua necessidade de autoafirmação, que os leva, via de regra, a uma sucessão de mentiras, uma encobrindo a outra, tecendo um ilusório manto de superioridade.

Essa autojustificativa tem custos e benefícios. Festinger mostrou que é ela que nos alivia. Sem ela viveríamos torturados com a culpa pelos caminhos não tomados, ou pelos erros cometidos no caminho escolhido. A dissonância cognitiva evita mais ansiedade, culpa, vergonha, estresse, mas ao mesmo tempo nos aliena do peso da responsabilidade moral: optamos pelo remédio exatamente oposto ao da reflexão ou da confissão religiosa. Sempre nos dizem que temos de aprender com nossos erros, mas como podemos aprender, se nos recusamos a admiti-los?

(Adaptado de: ARAÚJO, Rodolfo. Disponível em: <http://rodolfo.typepad.com/no_posso_evitar/2009/6>. Acesso em: 29 out. 2010)

2 O antigo filósofo grego Alexandre Afrodísio relaciona três diferentes fatores que funcionam como “obstáculos” para que alguém enxergue a verdade: 1) a arrogância, a presunção, o amor à liberdade acima do amor a Deus; 2) a sutileza do raciocínio enganoso ou a dificuldade do assunto; 3) a ignorância, a insuficiência da capacidade intelectual. Convictos ou não, todos estamos sujeitos a esbarrar nesses obstáculos, mas não esqueçamos que “o maior obstáculo entre uma pessoa e a verdade pode ser ela mesma” (p. 141) e sua dissonância cognitiva.

(BORGES, Michelson. **Dissonância cognitiva**: um obstáculo à verdade. Disponível em: <<http://www.iasdemfoco.net/MichelsonBorges.asp>>. Acesso em: 18 jul. 2010)

3 A maior inimiga da verdade não é a mentira, mas a convicção. (NIETZSCHE)



Proposta de Redação

– Sempre nos dizem que temos de aprender com nossos erros, mas como podemos aprender, se nos recusamos a admiti-los?

Considere a questão acima como eixo temático e desenvolva uma dissertação (mínimo de 4 parágrafos; de 20 a 35 linhas) sobre as conseqüências da liberação da “dissonância cognitiva” na vida cultural – na formação da consciência individual, nas relações interpessoais, na esfera política e econômica. (Não é obrigatório comentar todos esses aspectos.)